Depois do verde vem o ‘Vermelho’ maduro

Neta de Beto Guedes estreia com disco gravado em poucos takes, sem retoques, e que remonta a sonoridades além de seu tempo

Divulgação



AFFONSO NUNES

Isabella Moriconi/Divulgação



‘Álbum Vermelho’, primeiro disco de Julia Guedes, chega ao mercado com participações de Wagner Tiso, Luiza Brina e Tori

Neta de um dos símbolos da Clube da Esquina, Julia Guedes esbanja maturidade em seu disco de estreia. Lançado pelo selo Dobra Discos, “Álbum Vermelho” reúne 12 faixas, 11 delas autorais e uma regravação de “A Página do Relâmpago Elétrico”, parceria do vô Beto com Ronaldo Bastos, e quem tem seu pai, Gabriel, pilotando as teclasa do sintetizador.

O álbum foi produzido por Julia ao lado de Antonio Neves, com coprodução de Paulo Emmery. Ela também assina a direção criativa, a direção de arte e o design do disco. A gravação seguiu o caminho analógico, com registros feitos em muitos casos na primeira tomada e sem retoques digitais de edição. Foram cerca de dez dias de gravação. A artista afirma ter levado quatro anos para concluir o trabalho.

O trabalho tem as participações de Wagner Tiso, que assina o arranjo de cordas de “Zóim”; a cantora e compositora mineira Luiza Brina produz e arranja “Sus Mareas”; e a maranhense Tori participa de “Estranha Nuvem”, dividindo a composição com Julia e integrando os coros ao lado de Dora Morelenbaum. O disco abre com “Vermelho Sem Nome”, um rock que, nas palavras de Julia, traduz a sensação de que a cidade ficou pequena para ela.

“Todo o álbum vem de um desespero, de certa forma, de reafirmar que também é um lugar possível para mim”, explica a artista, impregnada pela espontaneidade. “Foi urgente, foi romântico, foi visceral, foi apaixonado, foi revolucionário, foi impactante”, assinala.

O disco é íntimo e coletivo sem que esses territórios se choquem. Musicalmente, Julia demosntra maturiuade e segurança ao trabalhar com MPB, pop, jazz, rock progressivo e até tango, uma marca dos músicos de sua geração: a canção sem rótulos ou fronteiras. Sem contar a atmosfera vintage de um trabalho sem retoques digitais.

Julia Guedes é uma artista que já dá mostras de que veio para e oxalá que este “Álbum Vermelho” seja o primeiro passo de uma jornbada artística de respeito.

UNIVERSO SINGLE

POR **AFFONSO NUNES**

Divulgação



Encontro inédito

Alaíde Costa e Emicida acabaram de lançar o dueto “Só Por Isso Eu Vim”, a primeira gravação em que as vozes dos dois aparecem juntas. O single antecipa “Meu Vício na Dor de Amar Demais”, álbum que fecha a trilogia de discos produzidos para a cantora por Marcus Preto, Pupillo e Emicida. A primeira metade da canção estava guardada por Alaíde havia décadas, sem uma segunda parte que a completasse. Marcus Preto registrou a cantora com o celular, em festas e restaurantes, e enviou a gravação a Emicida, que escreveu a resposta.

Divulgação



Sob o signo do amor

Baco Exu do Blues e Marina Sena lançam “Mon Amour”, single inédito que marca o primeiro encontro em feat entre duas das vozes mais influentes da nova música brasileira de sua geração. O título em francês traduz a ideia central da música: o amor como uma língua que nem sempre se domina. Baco conta que, quando sua parte ficou pronta, pensou na voz de Marina no refrão. “Tem uma questão latina nos timbres desse som que eu acho que ninguém conseguiria fazer tão bem quanto ela fez”, diz ele. Produção de Dactes e direção musical de Marcelo de Lamare.

Divulgação



Dueto para João do Vale

A cantora maranhense Flavia Bittencourt disponibiliziu nas plataformas digitais “Dói Dói”, canção inédita com participação especial de Geraldo Azevedo, que é também autor da música ao lado de Abel Silva. O xote foi feito em homenagem a João do Vale e chega com videoclipe. A faixa é a segunda apresentada de “Origens”, novo álbum da cantora, e fala da inquietude e da dor depois de uma separação. “Essa música carrega uma homenagem a João do Vale, um dos maiores representantes da cultura maranhense”, diz ela.